

# REVISTA

NO

## PARTHENON LITTERARIO

QUINTO ANNO

MARÇO DE 1876

III

### SUMMARIO

|                                   |                                     |
|-----------------------------------|-------------------------------------|
| Retrato do conselheiro Euzbeio de | Dados historicos sobre a provincia. |
| Queiroz Coitinho Mattoso Camara.  | A' memoria do Dr. Caldre e Fião,    |
| Serões de um tropeiro, por Daymã. | poesia por Amaro da Silveira.       |
| O Sexto peccado mortal, drama por | A Freira, poesia por Manfredo.      |
| J. A. Torres.                     | O mouro de Veneza, poesia por El-   |
| Parcer, por José de Sá e Brito.   | pidio Lima.                         |
| Parisina, por Caius Gracho.       |                                     |

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1876







EUSEBIO DE QUEIRÓS COITINHO MATTOZO CAMARA.

Lith. de J. Alves Leite

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

---

QUINTO ANNO

MARÇO DE 1876

III

---

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1876



# SERÕES DE UM TROPEIRO

(COLLECÇÃO DE CONTOS SERRANOS)

---

O TENENTE NICO

## XII

Ao viajor, que percorrer o interior da provincia, será difficil deparar uma estancia, quegose os foros da fortuna ou da antiguidade, sem encontrar adicionada a casa de habitação, ou fazendo d'ella parte integrante, uma capellinha consagrada á este ou áquelle orago; ordinariamente ao do santo de que a estancia tem o nome.

A de Nossa Senhora da Conceição do Capão ralo era incontestavelmente a mais notavel entre todas as capellas e oratorios do districto de Cima da Serra, já porque remontava-se a epocha das primeiras incursões dos bandeirantes da capitania de S. Vicente, como por ser a mais vasta, e a unica que, tanto na apparencia exterior, como na ornamentação interna, denunciava algo da architectura peculiar á construccões d'este genero.

Era um appendice a casa; contigua a grande sala da estancia, com a qual communicava por uma alta e larga porta. Duas janellas, ao fundo, abrindo ao occidente, e uma porta lateral davão a seu recinto a necessaria luz e ventilação. No esvão das duas janellas resaltava o altar-mór primando pela elegante singeleza e asseio, e deixando ver em um relabulo de jacarandá, artisticamente entalhado, uma bella imagem da Mãe de Deus; imagem, que, resava a tradição, fôra trazida em procissão de penitencia, no cumprimento de um voto, de uma das reduções jesuiticas do Paraguay, parece que da Candelaria, por um

troço d'aquelles heroicos paulistas, que em suas audazes explorações atravessarão os Andes e penetrarão até o norte do Perú.

Além d'esta imagem, outras, e entre ellas a do pae da caridade, o magnanimo Francisco de Paula, a de S. João Baptista e a do beato de Padua, occupavão os outros nichos embutidos nos pannos lateraes da capellinha; assás espaçosa para accommodar em seu recinto a uma boa meia groza d'aquellas piíssimas ovelhas do rebanho do Senhor disseminadas pelos faxinaes e capoeiras, canhadas e coxilhas adjacentes a propriedade do velho Juca Antonio; e o que é mais — accommodava-as sem que se acotovellassem os rapazes com as raparigas, porque se isso é hoje do tom, n'aquelles bons tempos dos ouvidores e do pelourinho seria escandalo de deshonrar tres gerações, e sacrilegio d'esses que davão juz a carocha e sambenito, apezar da publicação do edicto do grande ministro de José I.

A sineta tilintava convocando a christandade dos arredores, que pressurosa convergia de todos os trinta e dous pontos que marca a rosa dos ventos para um mesmo centro—a capella da Conceição do Capão ralo—em grupos os mais curiosos e grolloscos que sõe imaginar-se.

Ainda os sons metalicos do sino vibravão-se aos echos e já o modesto templo regorgitava de patricios e monarchas, em cujos semblantes se stereotypava a ancia da profana curiosidade de mescla com o fuudo recolhido do fanatismo religioso, e que se apertavão ali que era uma temeridade! Estava aquillo mesmo como quem diz:—uma pinha a debulhar.

O sol poento jorrando turbilhão: de raios purpuro-violaceos pelas janellas abertas a toda a luz, verberava de champa a face trigueira de Nico e o rosto pallido de Nhara, que acabavão de ajoelhar-se ás plantas do sacerdote, que sobre suas cabeças derramava as benções que invocára ao céu.

Era magestoso esse grupo, que se destacava do plano geral, ainda que deixando ver outros dous não menos imponentes. A direita as testemunhas do acto, que se estava celebrando. A esquerda a eoitadinha da Dona Maruca, amparando-se ao braço de seu cunhado e compadro.

A cerimonia foi breve, apezar do natural acanhamento de Nhari-nha, e das difficuldades prosodicas, que enrolarão em seus H e rr a lingua ao ditoso par, que a respeito de dotes tribunicios erão mezmos uns Ciceros... em estatua.

A turba-multa, na mesma mathematica proporção com que passa a arcia de um á outro dos globos de uma ampulheta, se transladava da capella para a sala de jantar, semelhaute a uma tropa de bisões emigrando de uma para outra margem de um rio. E' que na sala de jantar achava-se uma longa mesa vergando ao peso das mais exquisitas viandas e especialidades da cozinha rio-grandense, que, digamol-o som vituperio, é a mais succulenta de todas as cozinhas conhecidas



desde Sardanapalo até a da sociedade dos *Homens gordos* da União Americana.

Os assados com couro, os matambres e churrascos; a lingua afo-gada, o democratico soquete, as costellas e o sobre costilhado, a tripa grossa e as leiteiras, e ainda um outro petisco especial, cujo nome ca-lamos, ahí se ostentavão em toda a sua originalidade; e bem assim o queijo, a manteiga, as farinhas de pinhão, de milho e de mandioca puba, a deliciosa orijone, a pecegada, a marmelada de maçãs, o pei-toral xarope erú de ameixa roxa, de pecego, e outras muitas cousas, que o serrano chama da fabrica de casa, a par das golodices e outras bugigangas trufadas e cogumeladas com que a industria estrangeira nos empazina o estomago.

Aquillo era uma mesa de se gabar com a bochecha cheia ! Além de um novillo de calção, de uma vacca fallhada, de mais de arroba e meia de sebo, e de um terneiro de sobre-anno, (que cá nós não usamos dizer vitelo) assados, cosidos e guizados sob mil fórmãs; quasi que todas as outras classes da alimaria domestica tinhão ali um de seus melhores exemplares posto a evidencia da prova pela grande arte culinaria, a primogenita e a mais nobre de todas as artes liberaes; porque, deixem lá fallar quanto quizerem os theoristas proclamando a prioridade da agricultura, eu cá de mim para mim, penso, e baseado em muito bons argumentos, que quando o pae Adão revirou a primeira leiva de terra *extra sedem beatorum*, na phrase do illustre cura da freguezia, e que quer dizer em bom portuguez — fóra do Paraizo, estava com o estomago consolidado por uma palangana de mingão preparado a capricho pela sua... Eva.

Estava já a mesa guarnecida quando os desposados assomarão ao limiar da porta. A patricada tanto que os vio prorompeo n'uma acclamação, n'um berreiro capaz de desensiar o mundo do seu eixo. Foi uma pocema barbara, sufficiente para arrebenatar todos os escaninhos da camara acustica.

O velho Juca, que não cabia em si de contentamento, quiz embalde conjurar aquella tempestade, e, não o conseguindo, appellou ao systema da bucha, que foi substituido pelo da rolha, que é hoje o systema par-lamentar.

O que é exacto é que foi o mesmo que deitar agua fria na fervura. Apenas e gaçou um perú e principiou a servil-o, a vozeria calinou e começou o relintim dos talheres... acompanhado pelo estourar das garra-fas que se abrião. Só a pobre da Dona do Pinheiro secco não tugia nem mugia; apenas de quando em quando esfuziava o olhar cubiçoso por sobre tudo aquillo, e o véo palatino se lhe desfazia em saliva á coitadinha !

No entanto, no meio de todo aquelle stridente arruido de festa, quan-do o prazer tocava ao apogeo, n'aquella confusa ebulição de alegria, havia alguém que sentia a alma partir-se de dor, a quem as lagrimas

estauques dos olhos cahião-lhe no coração como pingos de lava. Era Amelia, era a bella e ingenua Nharinha, que no dia em que seus anhelos erão coroados, sentia a desesperança da felicidade sonhada. Triste, absorta em dolorosa meditação, voltava a si n'um estremecimento violento, que a despertava durante o tempo apenas preciso para que seu olhar humido de pranto e ternura, abrangesse o esposo e a mãe; e reflectindo ao intimo essas duas caras imagens, embebia-o outra vez no anil do horizonte.

Presentia a grande desgraça, que em breve deveria ferir-a de morte.

De facto, emquanto a festa absorvia e arrastava a todos em seus alegres redemoinhos, o mandingueiro e o bugrito punhão em acção o prologo de seu nefando trama. Aquelle, a pretexto de distribuir penso aos pingos de estimação dos convidados, espalhava ao redor e d'encontro a casa grandes braçados de milhã secca; emquanto Israel, aproveitando o ensejo, que lhe proporcionava a travessia da cozinha para a varanda, addicionava aos manjares de que era portador toxicos terriveis, laes entre outros, os acidos extrahidos do caldo da mandioca cananéa e do cururú apé, planta venenosissima conhecida na provincia por tymbó.

Já estava armado o fandango. Os violeiros preludiavão; os monarchas tratavão de calçar as grandes chilenas de prata, e as raparigas trocavão os sapatos envernizados pelas tamanquinhas de carneira branca ou marroquim encarnado, debruadas de pelle de gato do matto, ou ariranha, para dar mais realce ao floreio da sapateada. Eis que quasi ao mesmo tempo dous dos convivas cahem rolando e gritando como possessos, accommettidos de violentas colicas. Um d'elles d'ahi a poucos minutos estava roxo como um enforcado. Com iguaes symptomas forão outros individuos accommettidos pelo mesmo mal, inclusive o reverendo vigario, de quem mais tardé encontrarão-se vestigios de sua passagem pelo matto, não porque deixasse as pégadas buriladas na rocha, como o *Pay Zumé* da lenda guarany; mas porque acharão-se fragmentos de suas vestes talares... que é de suppor lèvessem-n'as rasgado os espinhos... na pressa com que sua grachuda reverencia deitava a fugir da... colica.

Esse infausto successo cresceo de ponto e fez espalhafato panico, com a opinião emittida por um estancieiro, amigo de infancia e compadre de Juca Antonio.

O bom do velho vendo crescer o numero dos atacados, attribuiu, e muito judiciosamente, a causa da colica a terem talvez comido carne de rez pe-leada, pois a esse tempo a epizootia dizimava pela flór o armento, matando o mais gordo da boiada escolhida para as tropas da safra do principio do inverno.

Ah! bocca que tal diceste. Um raio que cahisse ali, não produzi-ria maior terror. Ergueo-se uma grita enorme:

Comemos carne de rez pestiada!

Estamos envenenados !

Vamos morrer todos ! e outras lamurias assoladoras.

Foi o *sauve qui peut* d'aquella Watterloo, os convidados se forão dando a pannos e a perros. Uns por força da colica e outros por prevenção, esgueirarão-se todos.

Um quarto de hora depois estava só com a sua obrigação a estancia do Capão ralo.

Ah ! tio Florencio, nem podes avaliar quanto perdeste em não te achares ali n'aquella occasião com o teu milagroso elixir !

Continúa

DAYMÃ.

# O SEXTO PECCADO MORTAL

DRAMA EM 5 ACTOS

POR

J. A. TORRES

---

O. D. C.

AO POVO PORTO-ALEGRENSE

PELO AUTOR

## ACTO II

### A CASA DO CARPINTEIRO

Gabinete simples e pobre com porta ao fundo, aos lados e uma janella á direita. Estante com livros ao F. E.; mesa pequena á esquerda; cama de veuto á direita; canastra ao fundo; e bancos ou cadeiras de páo dispersos pela scena.

#### SCENA I

##### LAURO E JOÃOSINHO

{ Ao subir do panno, Lauro está deitado sobre a cama e Joãosinho ajoelhado junto da canastra, faz uma conta n'uma lousa. }

João. — 9 vezes 13 são... 9 vezes 3... 27, vão 2.—9 vezes 1—9 e 2—11.—117. (*Escreve*) 10 vezes 13 — 130.—7 vezes 10—70. Sommando agora  $\frac{117}{130}$  avos com  $\frac{70}{130}$  avos — dá —  $\frac{187}{130}$  avos. O numerador é maior, portanto tenho ainda de dividir-o pelo denominador para achar os inteiros. — 187 por 130 dá 1 e sobra... sobra... sobra 57... E graças a Deus que está prompta. (*Escreve na lousa*)  $\frac{9}{10}$  mais  $\frac{7}{13}$  avos igualão a  $\frac{117}{130} + \frac{70}{130}$  ou a  $\frac{187}{130}$  ou a  $1\frac{57}{130}$  — Isto não se pôde dividir mais. Fica assim mesmo ou o Sr. Lauro que divida; porque elle é muito capaz até de me dividir em milhões de partes, se eu fôr tão tolo em consentir. (*Levanta-se*) Já estudei a lição do Parnaso e da Historia Sagrada sobre a vida do caçador Nemrod, já fiz as trez endiabradas contas; por consequencia estou livre e vou as laranjas da vizinha. (*Chegando-se á cama*) O Sr. Lauro ainda dorme com

um innocente... o mestre Serapião só volta ao escurecer... por isso estou folgado. (*Dirige-se para a janella e olha para dentro*) Diabo! O cão não está, mas está a mulatinha da velha Thecla, que é da familia ou da raça. (*Pausa*) Tive uma boa lembrança. (*Falla para dentro*) Adeus, queridinha. Deu commigo. (*Gritando*) Olha: vai a taberna do Aniceto, que elle precisa fallar-te. Foi-se. Saltemos agora a janella, e saude com bichas, no quintal da visinha. (*Salta pela janella para dentro*).

LAU. (*sonhando*) — Helena... minha adorada Helena... Como é bella a nossa existencia! Como vivemos felizes no meio d'este paraizo cercado de risos e perfumes... (*Depois de pausa, com explosão*) Infamia! (*Acorda sobresaltado e levanta-se*) E' sempre assim. Nem o repouso consegue minorar as magoas que sinto no intimo do peito. Sofro muito; estou condemnado a um tormento continuo, a uma tortura horrivel. Morrer seria o unico lenitivo, morrer seria a paz e a esperanza d'alem tumulo em uma nova vida de delicias. E comtudo é preciso viver. Para olvidar o passado, provar a innocencia, abater a calumnia e não martyrisar meu desvelado tio, é necessario a vida. Viverei pois, embora a recordação d'aquella noite fatal me defínhe, embora um homem complete a minha desgraça, embora me faltem as forças e succumba. Quero viver ainda, porque ao tumulo não hei de descer manchado pelo opprobrio, nem deixarei na terra a maldição para minha memoria! (*Descendo*) Que funesto destino é o meu! Sahir da humilidade e arremessar-me nos turbilhões da opulencia, fascinar-me, sonhar impossiveis, e após, tombar com a frente esmagada pelo labéo da ignominia, cahir com o corpo envolto na capa do ladrão! Sou muito desgraçado! (*Fica como abatido. Pausa. Forte*) Mas não! Que importa o mundo com o seu escarneo? que importa a sociedade com o seu desprezo? se tenho a consciencia pura?! Que importa tudo? se ainda ha braços que se estendem para mim, se ainda ha vozes que me bradão: — és homem honrado! — Condemnem-me, miseraveis! mas lembrem-se, que se á justiça da terra não é permittido chegar até vós, á justiça celeste o será, porque essa não conhece classes e sabe castigar o crime! (*Pausa*).

JOÃO. (*apparecendo na janella e dando com Lauro*) — Ui! Estou no matto e tambem sem sorte, se lhe dá na veneta vir aqui. Que apuros! Fiquei fresco de um instante para outro. Agora nem para traz nem para diante. Para traz, lá está o cachorro da Thecla; para diante levo alguma tremenda do Sr. Lauro. (*Oculta-se*).

LAU. (*depois de meditar*) — Esqueçamos por alguns segundos estas deploraveis recordações fazendo labutar a imaginação. (*Subindo em direcção á estante*) O travesso rapazinho já abandonou os livros e a pedra, e sem duvida foi-se para a rua. E' incorrigivel este menino. (*Chamando*) Joãozinho! Joãozinho!

JOÃOS. (*mostrando a cabeça*) — Estou ouvindo, mas não tenho vontade de responder. (*Occulta-se*).

LAUR. — E' necessario procural-o, porque meu tio não deve tardar. (*Sahe*).

JOÃOS. (*saltando para dentro, deixa cahir uma porção de laranjas*) — Ainda outra praga! Escapo do homem e do cão, mas não escapo de apanhar segunda vez estas brutas. Me parece que vocês nunca virão gente, eim? Pois vejão agora, porque logo hão de ver, mas ha de ser de dentro da barriga. (*Apanha as laranjas e as põe na canastra*). Ah! vem o Sr. Lauro. Aonde me hei de metter? Se eu coubesse na caixa? Nada. Lá esborrachava as laranjas e feria-me nos ferros. O melhor é em baixo da cama. (*Deita-se sob a cama e torna-se quedo*).

LAU. — Não está no interior da casa, nem o vi na rua. E' menino arteiro e sem juizo, o que é pena, porque realmente é vivo e intelligente.

JOÃOS (*a parte*) — Apoiado.

LAUR. — Meu tio encarregar-se-ha de lhe puxar as orelhas, quando elle apparecer. (*Tira um livro da estante e senta-se junto á mesa*).

JOÃOS. (*debaixo da cama*) — Muito gosta esta gente de se divertir com as minhas orelhas...

LAUR. (*depois de tomar a penna*) — Quando se tem a alma cheia de fel e o cerebro atordado pelos golpes da desesperança e do martyrio, é muito possivel ter-se tambem a imaginação cheia de negruras ou prodiga de ironias. (*Escreve*).

JOÃOS. (*idem*) — Este Sr. Lauro não é capaz de fallar para si, é sempre alto. Estando só, falla para as paredes, creio eu. Coitado! Elle anda meio fóra de si...

LAU. — A imaginação embota-se, o pensamento foge e a penna esquiua-se parecendo zombar...

JOÃOS — Vou dar um ronco aqui para ver se saio d'estes assados. (*Ronca*).

LAU. (*dando com Joãosinho*) — Então foste dormir debaixo da cama, rapaz? Levanta-te d'ahi. Meu tio não demora.

JOÃOS. (*continuando a roncar, pára e finge sonhar*) — As minhas contas estão certas.

LAU. — O que é?

JOÃOS. — Tambem sei as lições. (*Ronca*).

LAU. — Levanta-te. O' Joãosinho! Joãosinho!

JOÃOS. (*finge acordar-se, e indo erguer-se, bate com a cabeça na cama*) — Ai! ai! ai! Quasi parti o côco... Quem é que me chama?... Senhor!... Estou... (*Esfregando os olhos*) Eu estava dormindo... Ai! minha cabeça. Por um pouco que não rachei-a... Deseulpe, mestre Serapião, dormi sem querer...

LAU. — Dormias sem querer? E roncavas tambem sem querer?

Joãos. — Eu não ronco, mestre. Nunca ronquei, sou capaz de jurar por estes dedos...

LAU. — Chega de palestra... saia d'ahi de uma vez.

Joãos. (*sahindo, finge admirar-se ao ver Lauro*) — Ah! é o Sr.? Julguei que fosse o mestre, (*a parte*) rabugento que conheço ás leguas; (*alto*) mas como é o Sr. Lauro, tanto melhor; porque ao menos o Sr. gosta de mim e não é capaz de queixar-se ao tio.

LAU. — Vai fiando-te n'isso e continúa a fazer das tuas. Eu sou muito bom, mas quando estou irado...

Joãos. (*concluindo*) — E' bom.

LAU. — Enganas-te; sou pessimo.

Joãos. — Mas não é para mim.

LAU. — Quem sabe!

Joãos. — Eu, que sou capaz de jurar por estes dedos...

LAU. — Está bom, está bom; não exijo juramentos. Desejo porém saber o que fez toda esta tarde, Sr. vadio? Presumo que as contas ainda estão por concluir-se?...

Joãos. — Estão promptas e bem promptinhas. E tambem estudei as licções, sim senhor. Já sei que Nemrod foi um caçador damnado...

LAU. — Logo veremos se é verdade o que dizes, e se o somno não te fez atirar contas e livros para um canto... O que te posso affiançar, é que hoje não respondo por tuas orelhas entre os dedos de teu mestre, se por acaso fizeste o mesmo que hontem e ante-hontem.

Joãos. — Não tenho medo.

LAU. — Sei que o meu amiguinho é muito valente, sei; até sei mais: sei que no domingo ultimo fez muitas proezas. Mas já que fallei n'essas proezas, convem pedir ao amiguinho que m'as relate uma por uma. Em conclusão quero ouvir a narração do facto em que andaste mettido.

Joãos. (*assustado*) — O Sr. pensa que eu andei mettido em cousas d'essas?

LAU. — Eu não penso, digo, sustento que te envolveste n'ellas. E' inutil [negares, porque estou informado. Apenas quero agora é saber tudo mais resumidamente.

Joãos. — Então vou contar, mas ha de prometter-me não passar nem um pingo para o mestre Serapião.

LAU. — Prometto.

Joãos. — Jure.

LAU. — Duvidas de mim?

Joãos. — Desculpe, Sr. Lauro; julgava estar fallando com o Ramiro, o outro aprendiz do meu mestre...

LAU. — Principia.

Joãos. — Lá vai a cousa como a cousa foi. Vinha eu da Candalaria, ao cahir da noute, para casa; mas ao passar pela bodega do Juca Thereza, eis que ouço uma vozeria de mil demonios. Corro á porta da



venda e ponho-me a ver e a escutar. O que havia de ser? Nada mais que uma briga a sôcos e furibundas descomposturas entre um inglez *macota* e um gallego. Os gallegos de que terra são, Sr. Lauro?

LAU. — São filhos da Galliza, na Hespanha.

JOÃOS. — Os dous estavam na *pedra*, quero dizer, na carraspana. (Faz gesto de beber) O inglez socava o gallego, mas o gallego não se descuidava de trunfar uma cabeçada de vez em quando no inglez. O povo começou a se amontoar na porta. A cousa estava feia. O pobre do Juca arrancava as guedelhas e berrava por socorro como um touro. Eu lembrei-me de acudir ao homem.

LAU. — Tu?

JOÃOS. — Eu, sim senhor. Quando vejo acontecimentos assim, transformo-me logo de aprendiz de carpinteiro em discipulo de Sansão. O Sr. não me disse que todo o homem valente é discipulo de Sansão?

LAU. — Continúa.

JOÃOS. — Mas fiquei ainda no mesmo lugar esperando que o sangue me esquentasse. Não tardou muito. Ouço o inglez dizer: — «Sobrinha de tu amigo é uma latrom, uma canalhe; eu ha de mata ella e tu tambem, estar ouve, godêma? Responde o gallego: — «E eu te bou enforcare com estas mãos, prôquê u xubrinho du Xerapão é um hôme de vem, está xubindo, cachorro?»

LAU. (*a parte*) — Por toda a parte o escarneo da populaça ferindo o meu nome e ultrajando as cans de meu honrado tio! (*Alto*) Adiante.

JOÃOS. — Não me contive mais. Pulci dentro da taberna e pendurei-me nas guélas do inglez com tal furia que fomos ao chão, ficando eu por cima d'elle, já se vê. Quiz mordel-o, mas tive medo de engulir o sangue d'aquelle monstro. Comtudo por minha vez tratei de socal-o... Olhe que não é por gabar-me, Sr. Lauro; mas isto que digo é tão certo como 9 vezes 9 — 81 noves fóra — 0. E demais o Sr. sabe que quando fallo verdadeiro, nunca minto, apezar de, quando minto, nunca fallar verdade. (*A parte*) Veio-me agora a vontade de comer laranjas. (*Alto*) A historia é grande: quer sempre ouvil-a toda?

LAU. — Quero.

JOÃOS. (*a parte*) — Encurto-a com certeza, porque estou com gana das laranjas. (*Alto*) O taberneiro trata de ajudar-me, mas atraca-se com o gallego. Cahem tambem os dous. Era uma pagodeira para encher de riso mil barrigas. Erão quatro a rolar na venda do Juca... Que espectáculo! E' verdade: o Sr. quer laranjas?

LAU. (*com riso forçado*) — Não.

JOÃOS. (*aparte*) — Pobre estomago! Tem paciencia, filho; sem paciencia não se vai ao céu. (*Alto*) Tinha escurecido como agora. A propositio: quer que vá accender a vela?

LAU. — Não.

JOÃOS. — O Sr. ha de ter achado longa esta massada; e demais

nem sahi ainda do principio : portanto já vê que para terminar falta o meio e o fim. Para se chegar ao fim, é necessario passar-se pelo meio, porque o meio...

LAU. — Tu d'essa maneira não conclues este anno tão insignificante caso...

JOAÕS. — Quem chama a tal historia de insignificante, é capaz de chamar o Pão d'Assucar de morro do Pico, e de dizer que a fortaleza da Lage é muito agradavel ou que na ilha das Cobras não ha cobras. Tambem é capaz de sustentar que as laran... (*A parte*) Decididamente vou coucluil-a de um só folego. (*Alto*) No melhor da festa, entra novo personagem na hodega. Apenas separa o povo e chega-se até nós, solta uma gargalhada e exclama : — « Mister Blow !

LAU. (*a parte*) — Já o adivinhava.

JOAÕS. — O tal sujeito era moço ainda. Metteu-se em seguida no grupo, deu-me um empurrão e levantou do chão o esponja, dizendo : — « Sou o subdelegado d'este districto, dou voz de prisão a vocês trez e defendo esta triste victima. O povo que até esse momento nada mais fizera do que rir-se, principiou a resmungar. Eu puz-me em pé com ligeireza, finquei o côco no bandulho do subdelegado que cahiu de nariz, atravessei como uma bala pelo meio da gente, e zás, pernas p'ra que quero? Corri a laia de veado, quebrei esquinas a trez por duas e dei com os costados em casa mais morto do que vivo. Apre ! Afinal conclui a cousa. (*A parte*) Era bem grande.

LAU. — Mais ou menos quacs crão as feições do subdelegado ?

JOAÕS. — A cara era de homem e os bigodes crão bigodes e laran... e pêras, aquillo que nós temos aqui no queixo. Nós não temos, mas eu refiro me ao geral.

LAN. (*a parte*) — Não pôde ser outro.

JOAÕS. — Vou buscar luz

Voz. (*dentro*) — Que diabo de escuridão n'esta casa !

JOAÕS. — E' o mestre, Sr. Lauro.

## SCENA II

### OS MESMOS E SERAPIÃO

SER. (*pelo fundo*) — Ora lhes dê Deus boas noutes, meus filhos. Mas que diabo ! Vocês por acaso terão privilegio de corujas ? Noite cerrada e nada de luz ! Escapei por um triz de dar uma cabeçada acolá na porta. Então, seu marolinho, não se avia ? Vá buscar uma vela. (*Joãosinho sahe pelo fundo*).

LAU. — Boa noute, meu tio.

SER. (*sentando-se ao lado da mesa*) — Então, Lauro, que tens feito esta tarde? Ainda estás triste? Se estás, temos o caldo entornado e eu com o aborrecimento no cachaço. Bem sei que tens razão para não expellir a dor e a tristeza que te acabruhão. Sei mesmo que estás collocado em uma situação penivel, e por assim dizer, bastante cruel. Mas que lhe havemos de fazer?

LAU. — Nada, meu tio. O melhor é supportal-a até que venha o derradeiro instante de existencia.

SER. — Outra vez as idéas lugubres do costume! Parece que tens prazer em me repetir essas palavras. D'essa maneira acabas por enviar-me para o Cajú. Olha que já ando bem amolado com os teus ditos.

LAU. — Perdão, meu bom tio: peço-lhe que não dê a ellas nem a minima importancia. Creia que se as profiro é involuntariamente. Ando com o cerebro em completa alheação.

SER. — Pois sim, pois sim; mas é o caso que ellas estão sempre a espesinhar-me os miólos. Não gosto d'isso, com os demonios!

LAU. — Prometto-lhe que...

SER. — E demais porque não te tornas forte, terrivel? Se teu socego dependesse de mim, se estivesse em minhas mãos, palavra que já estavas em estado differente. Ainda assim tenho esquadrinhado o diabo e mil sortes de cousas, que só servem para apoquentar-me em lugar de me darem esperanza. Mas como ia dizendo, porque não te tornas corajoso? Vê se podes mandar ao inferno os teus incommodos.

LAU. — Isso é bom de dizer e melhor seria se o podessê fazer; mas não posso: sou fraco, sou extremamente covarde.

SER. — Não podes? Pois a vista d'isso, lá vai a minha habitual receita: — resignação, meu filho, resignação. Não conheço melhor remedio.

LAU. — Olvidar que tenho um martyrio na alma e outro no pensamento é impossivel enquanto elles lá perdurarem. Arrancal-os d'onde permanecem, só compete a um esforço sobrehumano; porque estão bastante arraigados.

SER. — Resigna-te.

LAU. — A resignação é um balsamo que minora muitas vezes as magoas dos desesperados, e é talvez, como disse, o melhor remedio para o meu mal. Entretanto, meu tio, tenho reconhecido que nem sempre o é, que seu soberano poder é impotente por mais de uma vez.

SER. — Valha-te Deus, filho. As tuas desgraças amargurão-me o pão de cada dia. As tuas desgraças, prevejo, me hão de fazer correr pelo caminho que conduz o viajante mundano da velhice á morte. Deixar a vida! Diabos me carregue se tal idéa me assusta! O que me assusta é partir para o outro mundo deixando-te cá envolvido no sofrimento. Mas Deus será muito injusto se tal cousa permittir.

JOAÕS. (*entrando com luz*) — Boa noute, mestre ; boa noute, Sr. Lauro.

LAU. — Meu tio. (*Beija-lhe a mão*).

SER. — Deus conceda-lhes uma boa noute e os ajude.

JOAÕS. (*a parte, indo pôr o castiçal na mesa*) — O que irá acontecer? O mestre está meio... meio... Ora! está inteiro... (*Caminha para o F. D.*)

SER. (*levantando-se e dirigindo-se para o lado de Joãozinho*) — Venha cá, Sr. mequetrefe, sente-se aqui bem perto de mim. (*Toma elle por uma mão e faz-o sentar junto a cama*) Vamos conversar sobre algumas excellentes cousinhas, que o meu respeitavel amiguinho anda fazendo por algures. (*Lauro senta-se á mesu e lê para si em um livro*).

JOAÕS. (*a parte*) — A historia vai má... Ha de haver sermão e orelhas...

SER. — Vocemecê, meu senhorsinho, estudou as lições, fez as suas contas?

JOAÕS. (*com medo*) — Sim senhor, mestre ; fiz tudo.

SER. — Isso é o que saberemos logo com mais vagar. Por agora temos cousas recentes para um regular divertimento. Diga-me quem lhe autorizou a ir bolir com a mulatinha da vizinha Thecla? Quem foi que lhe mandou dar beijos n'ella, quero dizer, na mulatinha?

JOAÕS. (*assustado*) — Beijos!? Eu não senhor... Ella foi que... Quero dizer, eu é... Ella... (*Atrapalhado*) Não dei beijos, mestre ; eu juro por estes dedos... E' alguma intriga... (*A parte*) Mas eu não fiz nada a ella... (*Alto*) Quem lhe mexericou isso, mestre, mentio.

SER. — Atreves-te a desmentir a pessoa que fez-me conhecedor das tuas bandarrices, tratante? Ainda ha pouco mesmo não contaste meia duzia de lérias a mulatinha, terminando por enganar-a, que o taberneiro Aniceto a estava chamando apressadamente? Nega que disseste taes palavras ali d'aquella janella? Nega, birbante, se és capaz?!

JOAÕS. — Nego sim, senhor mestre, porque...

SER. (*puxando-lhe as orelhas e arrastando-o para o meio da casa*) — Ainda negas, atrevido? Falla! Não tenhas o máu habito de mentir. Detesto os mentirosos.

JOAÕS. — Ai! ai! ai! Eu não minto mais, mestre ; juro por estes dedos. E' tudo verdade. (*Cahe de joelhos*) Ai! minha orelha! minha pobre orelha! Mil perdões, meu bom, meu adorado mestre ; eu juro por todos os dedos que não caio n'outra.

SER. (*deixando-lhe a orelha*) — Ainda bem, porque se fizeres uma igual, conta além do espichamento das orelhas, com duas duzias de palmatoadas e uma sova de vergalho. Safa-te d'aqui! Vai apromptar o café para a cêa. Não me obrigues a repetir a ordem.

JOAÕS. (*sempre segurando a orelha e esfregando-a, a parte*) — Maldita mulatinha! Tolo sou eu em não dar-lhe com o que ella pre-

ci-a. (*Chega-se a canastra, vê que Serapião nem Lauro o notão, abre-a depressa, tira trez laranjas, fecha a caixa de manso e escapa-se pelo fundo*).

## SCENA III

LAURO E SERAPIÃO

SER. (*observando Lauro. A parte*) — Infeliz rapaz! A amargura de seu sofrimento é tanta que até o torna alheio áquillo que existe em volta de si. Que differença dos tempos de outr'ora! No passado era elle alegre, folgazão, possuia crenças; hoje está abatido, ferido cruelmente, despido dos sonhos da mocidade, desgostoso da vida e penando continuamente. Como é vario este mundo! Como é incompreensivel o destino de uma creatura! (*Pausa em que contempla-o*) E padecesse assim por fazer-se um bem! Sim; porque se elle não salvasse um semelhante de morrer afogado, não seria convidado para o baile dos fidalgos e lá não se apaixonaria, o que foi a origem do seu descredito, dos seus tormentos. (*Pausa Alto*) Fazes bem, Lauro; antes empregares as horas de ocio na leitura do que em vãs meditações. A leitura traz sempre certa doçura para as almas soffregas, quando não é a precursora da tranquillidade do espirito e do serenar da imaginação.

LAV. (*larga o livro e levanta-se*) — Tem razão, meu tio, a leitura pratica tudo quanto disse; mas relativamente a mim quasi nunca. Ler uma scena de amor immenso e puro, é recordar uma pagina de minh'alma; ler uma scena da vida moral, é um arremedo á minha infelicidade; ler a descripção de uma bem formada calunnia, é ver reproduzir-se aquella que me aniquilou. Já vê, pois, que nem sempre a leitura é um lenitivo, uma distração; ao contrario, é n'esses casos o dardo lacerante que sem commi eração penetra no desgraçado.

SER — Amor, sempre o amor! Não ha mocidade infeliz que não veja na origem de suas penas essa palavra escripta em lettras de fogo,

LAV. — E com tudo, meu tio, não é totalmente do amor que parte o meu acerrimo tormento; porque eu amei um anjo, fui amado tambem, e os anjos nunca fazem soffrer. Não. As minhas magoas principaes nascerão da minha deshonor. Sou um condemnado, um miseravel soffredor, porque abaterão, trucidarão a minha dignidade, a honra, esse idolo adorado por todo aquelle que tem o orgulho de ser um homem de bem. Eu quizera a morte de minha vida de preferencia a morte de minha honra. Quando a reputação de um homem é precipitada n'um abysmo lodoso, póde ainda sahir de lá, mas ha de sahir sempre manchada por salpicos de lama!

SER. — Não desanimes, Lauro; tem fé em Deus: podes um dia

rehabilitar-te. E quem nos dirá que então não serás ditoso ? Quem nos dirá que então não verás brilhar no horisonte de tua existencia uma estrella, vaticinio de venturas perpetuas ao lado de tua idolatrada Helena ?

LAU. — Por Deus ! não me falle assim. As suas palavras em lugar de alliviar o meu martyrio mais o reerudescem.

SER. — Está bom, está bom, já fugiu d'aqui quem disse tolice. (*A parte*) As vezes sou um tonto tambem. (*Alto*) Vamos cear, que as horas approximão-se.

LAU. — Acompanho-o, ainda que seja nenhuma a minha vontade. (*Sahem pelo F.*);

## SCENA IV

MARIO

MAR. (*entra pelo F. Vem embuçado n'uma capa preta e traz na cabeça um chapéo preto desabado*) — Eis aqui a poseilga do salvador de afogados, do amante das filhas dos nobres, do grande Lauro Hermes. (*Senta-se junto á mesa sempre de chapéo na cabeça*) E' pois n'esta casinhola que habita o homemsinho que tanto me tem atormentado, mas que afinal ha de resolver-se a fugir ou a morrer ! (*Pausa*) Hei de saciar em sangue, se fôr preciso, o odio que nutro por esse aventureiro ; hei de tornar-me criminoso se a minha satisfação o exigir ; mas nunca confessarei que o invejei ! Inveja ! Eu invejal-o ? (*Risada sardonica*) Ah... ah... ah... ah... ah... Quo importa que com a queda d'elle eu precipite Helena e mais tarde o barão ? Que importa o terror de um calabouço ? Que importa tudo, se tudo converge para o meu deleite, que é o exterminio d'esse homem ? ! (*Pausa*) E' provavel que elle esteja em companhia do tio. Se assim fôr, encontrarei mais difficuldade para o bom exito do meu plano. Comtudo aguardo qualquer das hypotheses.

## SCENA V

MARIO E SERAPIÃO

SER. (*pelo F.*) — Esqueceu-me o pão de rala do rapazinho. Sempre sou um bom casmurro. (*Vendo Mario*) Olá ! Um homem em minha casa, e sem cerimonia assentado ! Que diabo ! Por onde esgui-

chou-se este individuo? Vejamos o que quer elle. (*Descendo e dirigindo-se a Mario*) O' amigo, o que quer d'aqui!?

MAR. — Não se assuste, bom velho; não me tome por ladrão, apesar de aqui ter entrado sem sua permissão. Entendi que em casa de um carpinteiro não ha etiquetas e...

SER. — Não ha etiquetas! Quem lhe assegurou isso, senhor? Ha tantas como na casa de qualquer rico, percebe? Mas tenha a bondade de tirar o seu chapéo da cabeça e de levantar-se, se não quer passar pelo desgosto de sahir pela porta por onde entrou.

MAR. (*a parte*) — Grosseiro! Se não preci-asse de astucia, eu responderia ao teu atrevimento. (*Alto, levantando-se e tirando o chapéo*) Queira desculpar-me se o offendi, faltando aos deveres de civilidade. Vivo nas solidões, e eis o motivo, que me faz ignorar a cerimonia, que existe entre os pobros.

SER. — E' a mesma dos ricos, meu senhor, com a unica differença que a d'aquelles está muito prostituida, salvando as honrosas excepções. Queira agora assentar-se.

MAR. (*a parte e obedecendo contrafeito*) — Tal sobrinho, tal tio! (*Alto*) Aceito a licção que deu-me e prometto aproveitá-la.

SER. (*assentando-se*) — Estou ao seu dispor.

MAR. — O Sr. é o tio de um sobrinho que...

SER. — Sim senhor; sou tio de um sobrinho.

MAR. — Seu sobrinho é um moço que redige dous jornaes d'esta cidade, não é exacto?

SER. — Hontem foi despedido do ultimo.

MAR. (*a parte*) — Graças ao meu ouro. (*Alto*) Por seu livre arbitrio?

SER. — Não senhor; porque outros offerecerão melhores vantagens pecuniarias as redacções.

MAR. — Pois meu senhor...

SER. — Serapião Hermes da Silva.

MAR. — Pois Sr. Serapião, eu conheço de nome seu sobrinho e pelo nome mesmo me constitui seu amigo. E' por esse titulo que aqui me acho e que venho prevenil-o de uma proxima desgraça.

SER. — Desgraça! (*Levanta-se*).

MAR. — O Sr. Lauro tem um inimigo terrivel, um inimigo que deseja sua morte a todo o transe. Informado d'esse nefando projecto, projecto que não tem prova para se de mantellar, corri aqui disposto a salvá-lo sem demora. Aqui tem os meios, Sr. Serapião. (*Tira uma botça da algebeira e entrega a Serapião, que pega n'ella machinalmente*) Faça o Sr. Lauro embarcar amanhã para longe do Rio de Janeiro, para o Rio Grande do Sul por exemplo, e sem perda de tempo. Póde até servir-lhe de companhia; mas o que urge é salvá-lo do perigo que o ameaça. Com mais vagar relatarei ao Sr. e a elle o acaso que fez-me conhecedor de tão tenebroso projecto.

SER. — O Sr. tem um coração magnanimo. Perdôe-me se ha instantes duvidei da sua lealdade. E' de joelhos (*ajoelhando-se*) que lhe agradeço esta prova de sua protecção.

MAR. — Levante-se, Sr. Serapião, e corra a avisar seu sobrinho. Não ha tempo a perder.

SER. — Uma palavra ainda. A sua graça? (*Põe a bolça em cima da cama*).

MAR. — Diga-lhe por ora que é um amigo incognito. (*Serapião sahe*).

## SCENA ULTIMA

MARIO, LAURO E DEPOIS SERAPIÃO●

MAR. (*só, descendo a scena* — Derribei o ultimo obstaculo. Amanhã Lauro deixará o theatro de suas glorias! Depois d'amanhã cessará o meu martyrio e possuirei Helena! Agora fugirei antes que seja visto. (*Vai a sahir pelo fundo, encontra-se com Lauro que entra da D. F.*)

LAU. — O obstaculo derribado ergueu-se gigantesco! Lauro não abandonará o Rio de Janeiro, nem o teu martyrio cessará! (*Toma-lhe o pulso e descem ambos, agarrando Lauro com a mão esquerda a bolça que está na cama*).

MAR. (*a parte, furioso*) — Inferno!

LAU. — Mario de Abranches, tens pela segunda vez, frente a frente, o miseravel aventureiro, que no brilhante sarão do barão de Albuquerque, chamavão Lauro Hermes. Tens de novo em tua presença o mesquinho filho do povo, que atreveu-se a amar a filha de um fidalgo. Tens-me enfim aqui, disposto á violencia do teu furor, aos impetos do teu odio, aos horrores da tua inveja; porque foste tu o primeiro, que cavaste a minha ruina, foste tu o miseravel, que pelo ciume e emulação, desceu ao mais abominavel degráo da calumnia e da villania. A inveja transformou o vil orgulho da tua vaidade na mais detestavel das paixões, na sêde de vingança! Juraste a minha quêda e arremessaste-me nas profundezas da ignominia deprimindo o meu nome! Não sendo isso bastante, tentaste afastar-me de ti, e vieste atrevidamente ludir um pobre e honrado velho. Eu, ali escondido, observei e ouvi tudo. (*Pausa em que o contempla*) Contavas deixar esta casa levando na frente a corda do triumpho, mas foste illudido! O demonio protege os perversos, mas a providencia véla pelos innocentes. O demonio ergue a arma dos Cains, mas a providencia tolhe o golpe dos traidores. Aqui tens tua bolça e com ella o ouro que tuas mãos mancha-



rão. Se no mundo ha quem aceite com jubilo o dinheiro dos Crésos, tambem ha quem o regeite e desprese ! ( *Arruma-lhe a bolça aos pés. Pausa* ) Apanha-a e sahe ! ( *Indica a porta do fundo* ).

MAR. ( *furioso e humilhado quer sahir sem a bolça* ) — Nunca !

LAU. ( *puxando uma pistola e apontando-lhe, depois de impedir-lhe a passagem* ) — Ou sahirás d'aqui com aquella bolça ou tua cabeça será o alvo d'esta pistola !

MAR. ( *voltando-se, agarra a bolça e sahindo rapido* ! ) Até ao terceiro encontro ! ( *Serapião apparece no fundo e obsta-lhe a sahida* ).

LAU. — Deixe passar, meu tio, deixe passar; é a nobreza que foge humilhada da casa dos pobres !

( *Mario sahe Caha o panno de vagar* ).

FIM DO 2º ACTO

# PARECER

SORRE A THESE

**Quem revela mais abnegação no cumprimento  
de sua missão, o padre ou o soldado?**

Senhores.

Não venho pintar-vos quadros brilhantes de heroísmo onde os atletas da civilização se lançam denodadamente para alcançarem a bem de Deus e da pátria brilhantes glórias, que são apanagios de dedicação e de amor pela humanidade. Fraco idealista, não vos poderei demonstrar com a lente da convicção as razões poderosas em que me bazdo para dar a primasia a um d'esses batalhadores, operarios do bem e da gloria.

Ha missões grandes para grandes homens, para coragens sublimes, almas fortes, que abraçadas ardentemente ás suas idéas não trepidão leyal-as ávante a custa do seu proprio bem estar. Que importão a esses caracteres brilhantes, fachos luminosos produzidos entre as trevas do materialismo, a fome, a sede, o sangue derramado em prol de uma causa que de braços abertos aceitarão como missão? Para esses luminares, não foi criada a palavra — sacrificio. Ante si, marchando como na avançada, resplandecendo-lhe a estrada, vai a força de uma vontade, de uma necessidade, a satisfação propria de uma nobre ambição.

\*  
\* \*

Sem contarmos o homem da sciencia, que em busca da verdade gasta a saude, a vida, embrenhando-se nos desertos perigosos, onde o

reptil, a fera lhe espreitão os passos ; onde a trahição do indigena lhe arma a rede trahidora que o deve tornar pri-ioneiro ; sem contarmos esses realçados martyres que outr'ora nos sertões da America e da Asia, ainda hoje nos da Africa, da Australia e nos gelos dos polos Arctico e Antartico vão buscar para sua gloria, para a patria, para a sciencia, para a humanidade. novas luzes que abrirão o caminho da perfeição e da elevação do saber ; sem contarmos esses grandes vultos que, ora victimas do regelo, ora victimas dos homens, deixavão a vida com satisfação de de que podessem dar á historia e á sciencia seus nomes unidos a uma descoberta importante para nova fonte de civilisação, ou nova luz que destruindo velhas trevas da ignorancia contribuisse para o relevo da verdade, da quietação a par dos disfructes dos gosos sociaes ; sem contarmos esses nobres heróes, são ainda heróes grandiosos — o padre e o soldado, — quando comprehendem a sua missão, quando n'elle o cumprimento d'essas missões, são-lhes sentimentos ; seus amores profundos que produzem os mais sublimes actos.

Entre outras, duas causas podem trazer em consequencia essa voluntaria renuncia da vida tranquilla — Deus e Patria.

Ambas tendem arrastar consigo um proveito, a civilisação.

Qual d'ellas se pronuncia mais bella ? Qual d'ellas requer mais abnegação ?

\* \*  
\*

Para o cumprimento da missão de gloria da religião está reservado o padre que com alma forte abraça todos os perigos sem cuidal-os, tendo na sua fé a constancia, a firmeza, envollas da castidade, fortalecida por esses dons supernos, unicos capazes de realçarem a convicção, a possibilidade das crencas puras ; esses dons como que divinos, mas que significão simplesmente a bondade, a lhaneza ; que são a paciencia, a caridade ; a caridade expontanea traduzida nos doces actos de amor commm, no perdão resignado para o fel que sorve, para os espinhos que lhe coroão, para a cruz do seu martyrio.

Ha decerto abnegação no preenchimento d'esses trabalhos. Ainda que o fim seja um erro, se os meios tendem por exemplos valiosos, se o caminho transposto não tem a mancha fatal da prostituição, se as aguas revolvidas da consciencia, brilhão á luz da verdade como lago crystalino e não como paúl chafurdado ; o heróe de tão magnas virtudes tem comprehendido a sua carreira, tem attingido a espectação humana.

E é tão facil, senhores, ao padre, essa estrada gloriosa, essa abnegação, que em todas as idéas, em todas as espectativas, está o conhecimento d'ellas, o desejo de vel-as satisfeitas pelos missionarios da fé.

Aquelles que não recebem a segunda familia, que não tem deveres

para com esposa e filhos; aquelles para quem o lar, é a Igreja; patria, a humanidade; amigos os que soffrem; de quem a palavra deve ser o consolo; a presença, um bem, uma esperança; deve sentir, quando comprehende, que é tão facil a troca de meia duzia de gosos mundanos, pelo suave e doce papel de anjo consolador, pelo ineffavel bem da mais carinhosa obrigação, do mais apeteçivel trabalho. Quem não sentiu um dia, um momento, em seu coração o prazer de fazer bem, só, não poderá avaliar o quanto é grato, o quanto é facil fazel-o!

Na mais ardua tarefa legada ao padre, o vemos muitas vezes, tomando o bordão do missionario e tendo a cruz e a fé por salvaguarda, embrenhar-se nos invios sertões e lá, como José de Anchieta, tradazir em profundas expressões as palavras evangelicas, demonstrando por seus actos, pela castidade, pela ternura das exprobações que ha um bem terno, angelico a encontrar nas crenças suaves de que é pregador!

A mil perigos expostos, esses grandes missionarios que ainda hoje se internão nos desertos africanos e nos sertões da Australia, levão em si o desamor proprio, essa nobre afeição ao perigo, possível no sentir, facil no procurar quando não se tem outra familia que a humanidade, quando descrendo dos irmãos civilizados, sonha e busca alcançar entre os irmãos selvagens novos e verdadeiros triumphos a bem d'elles, da civilização, da gloria de Deus!



Patria! — som magnetico, fluente, harmonioso, sublime! que repercute em todas as fibras do coração! que torna do humilde operario o mais potente batalhador.

Patria! — A ti, — tudo! A ti, socego, bem estar, sangue, vida, amor, tudo, tudo!... Por ti as mais nobres e ardentes aspirações! Para ti a maior abnegação.

O clarim da guerra soou! A luta trava-se, a patria está em perigo! Milhares de homens se erguem!... Eia, ao campo! á luta! á guerra! Surja do cidadão o soldado. Anhelante, deixando por um momento familia, socego, trabalho, corra rapido em defeza da mãe querida, da mãe patria! Eia! salvemol-a. Os seus brios offendidos precisam de desafronta. — Soldado, cumpre a tua missão!



Quem desdenbou dos echos da peleja nem quiz ouvir os quadros do

heroísmo, quem não sentiu no peito estremecer o coração ao annunciação do cataclysmo da batalha, quem não saltou de jubilo aos hymnos da victoria!... E' porque não tem patria ou não tem coração!

O homem da guerra quando marcha para o combate, marcha para a morte com a esperança da vida, como o homem da paz marcha na vida com a esperança da morte. Ainda assim, se um outro sentimento lhe paira n'alma que não seja o arrojio da luta, é que entre o fumo do canhão, estão-se-lhe desenhando as imagens ternas da familia, o sorriso da esposa, os mimosos labios dos filhinhos a balbuciareem notas de ternura; vaporosas illusões que mais nobre e sublime tornão-lhe a abnegação, attingida ao auge pelo grito e tridente da patria, que repercute entre os fremitos e estampidos da batalha! — Avança! Avança!!



Que mais quereis, meus senhores? Todas as fadigas, todas as intemperies, todos os males da natureza; trabalhos arduos, privações, miserias, saudades e até as mais mesquinhas ingratições estão reservadas ao soldado, que de tudo sabe, que tudo vê ou calcula e que ainda assim com passo firme marcha para a guerra.

Concedei-lhe, senhores, como eu acho de direito, como é de justiça, — a primazia, pois que elle revela mais abnegação que o padre, no cumprimento de sua missão.

Sala das sessões do Parthenon Litterario em Porto Alegre, Março de 1874.

J. DE SÁ E BRITO.

# PARISINA<sup>1</sup>

(LORD BYRON)

A SILVINO VIDAL

E' a hora em que sob a folhagem o rousinol modula os seus cantos ; é a hora, em que a voz dos amantes suspira baixinho juramentos tão doees ; em que o sopro da brisa forma com o murmurio da onda vizinha um concerto, que encanta o ouvido solitario. Sobré as flores o orvalho scintilla ; no firmamento brilhão as estrellas ; sobre as ondas um azul mais carregado, sobre a folhagem um verde mais sombrio, e no céu este claro-escuro, esta opaca claridade, esta sombra suave e pura que segue o declinar do dia, quando o crepusculo desaparece diante da presença da lua.

Mas, não é para escutar o ruido da cascata que a Parisina deixa o seu palacio ; não é para observar as claridades celestes que ella caminha na sombra da noite ; e se se assenta no bosque não é para respirar os perfumes da desabrochada flor. Ella escuta, não é o canto do rousi-

<sup>1</sup> « Sob o reinado de Nicolau III, Ferrara foi ensanguentada por uma tragedia domestica. Advertido por um servo, o marquez descobriu com os seus proprios olhos o coito incestuoso de sua mulher Parisina e de Hugo, seu filho natural, bello e valente mancebo. Forão decapitados na prisão por ordem de um esposo e de um pai, que publicou assim sua vergonha e sobreviveu á sua execução. Deve-se-o lastimar se elles erão culpaveis ; se estavam innocentes, o marquez ainda era mais desgraçado ; em nenhum dos dous casos não posso approvar uma semelhante severidade da parte de um pai. » (Obras de Gibbon, T. III, p. 470.)

nol, — bem que o seu ouvido espere accentos tão inteiramente doces. Um piso se ouve atravez da espessa folhagem, e a sua face torna-se pallida, — e o seu coração bate precipite. Atravez das folhas sussurrantes uma voz suave chega até ella, e o sangue reflue á sua face, e o seu seio se entamece um momento ainda, e elles estarão juntos : — este momento passou-se, — e o seu amante está a seus pés.

\*  
\* \*

E agora, que lhes importa o mundo e as suas vicissitudes? Os seres que n'elle vivem, — a terra, o céu, nada são ao seu espirito e aos seus olhos. Tão insensíveis, quanto os proprios mortos a tudo que lhes está ao redor, em cima e em baixo, dir-se-hia que não respirando senão um pelo outro, o restante de:appareceu para elles. Os seus suspiros mesmos são cheios de uma alegria tão profunda, que se ella não diminuisse, esta loucura da felicidade consumiria os corações submettidos ao seu ardente poderio: a idéa de crime, de perigo, não lhes vem n'este sonho tumultuoso de sua ternura. Entre aquelles que tem sentido o poder d'esta paixão, que temor a obstou em semelhantes momentos? quem cuidou em sua pouca duração? Mas que? — cil-os já passados! Ah! é preciso nos despertar antes de sabermos que estas doces visões não voltarão mais.

\*  
\* \*

Elles se afastão lentamente e com pezar d'este lugar, theatro de suas culpaveis alegrias; apesar da esperanza e da promessa de se reverem, se affligem como se esta separação fosse a ultima. O suspiro frequente, — o longo abraço, — o labio que queria não se desprender mais, emquanto que se reflecte sobre o rosto de Parisina este céu que, ella o teme, não lhe perdoará jamais, como se cada uma de suas estrellas, testemunha silenciosa, tivesse visto de lá de cima a sua fraqueza, — o suspiro frequente, o longo abraço, os relem encadeados n'esse lugar. Mas veio o momento, e foi preciso se separar, o coração dolorosamente opprimido com este estremecimento profundo e gelado, que se que de perto as acções criminosas.

\*  
\* \*

E Hugo voltou ao seu leito solitario para ahi cobiçar a esposa de um outro; ella precisa repousar sua cabeça culpavel junto do coração

confiante de um esposo. Mas uma agitação febril parece perturbar o seu somno. Sua face inflammada trahe os sonhos que a occupão; em sua insomnia murmura um nome, que ella não ousaria pronunciar á luz do dia; ella aperta seu esposo contra esse coração que palpita por um outro, e elle acorda a este doce aperto; toma estes suspiros em sonho, e-las caricias ardentes por aquellas que elle estava acostumado a abençoar, e feliz por este pensamento, pouco faltou que não chorasse de ternura sobre aquella que o adora até em seu somno.

..

Aperta-a, adormecida, sobre o seu coração, e presta o ouvido as suas palavras entrecortadas: escuta... — Porque estremeceu o príncipe Azo<sup>1</sup>, como se tivesse ouvido a voz do archanjo? Elle tem razão. — Jamais sentença mais terrível pairará sobre o seu tumulo, quando elle se despertar para não mais dormir, e para comparecer diante do throno do Eterno. Tem razão, — seu repouso n'este mundo está destruido para sempre pelo que elle tem de ouvir. O nome, que ella murmurou dormindo, revelou o seu crime e a de-honra do seu esposo. E que nome é este, cujo som sobre o seu leito retumbou terrível como a vaga irritada, que arremessa uma prancha sobre a praia, e atira sobre a crista dos rochedos o desgraçado, que se afunda para não mais apparecer, tanto é violento o choque que assaltou a sua alma? E que nome é esse? E' o de Hugo, — de seu... Certamente, jamais tel-o-hia suspeitado! De Hugo! — este filho de uma mulher que elle amou, — este filho nascido para sua desgraça, — este fructo de sua mocidade imprudente, quando elle trahio a confiança de Bianca, a imprudente donzella, que se havia fiado em seus protestos, e a quem elle recusou fazer sua esposa.

..

Levou a mão ao seu punhal; mas metteu-o na bainha antes de o ter inteiramente tirado. Por mais indigna que ella fosse de viver, elle não pôde resolver-se a immolar tanta belleza; além de que, ella jazia ahí risonha, adormecida. — Não, não, elle fez mais, não quiz despertar-a, mas contemplou-a com um olhar... se ella acordasse n'esse momento, este olhar bastaria para gelar os seus sentidos e tornar a mergulhar-a no somno. Grossas gotas de um suor frio saucavão a fronte de Azo, e brilhavão ao clarão da alampada. Ella não falla mais, — mas

<sup>1</sup> Byron substituiu o nome de « Azo » ao de Nicolau, como mais poetico.



tranquilla dorme, enquanto que seu pensamento, d'elle, os seus dias estão contados.

..

No dia seguinte elle inquerê, e ouve da boca de um grande numero de testemunhas a prova de tudo que elle treme de saber, seu crime actual, suas futuras dores; as camareiras de Parina, as quaes tem muito tempo obrado de conniveucia com ella, buscão salvar os seus dias, e lhe irrogão — a censura, — a vergonha, — o castigo; ellas revelão tudo; fazem conhecer os melhores detalhes, que podem constatar a verdade da sua narração, e para de logo o coração e os ouvidos de Azo, torturados por estas revelações, nada mais tem a sentir ou a ouvir.

..

Elle não é homem que soffra dilacões: na camara do conselho, o chefe da antiga casa d'Este está assentado sobre o seu throno de justiça; os seus nobres e os seus guardas estão presentes; os dous culpados estão diante d'elle, ambos jovens, — e *uma* quanto é bella! Elle está desarmado, suas mãos estão agrilhoadas; — ó Christo! é possível que um filho appareça n'esse estado diante de seu pai! E comtudo é preso que Hugo se apresente assim diante do seu, que ouça sua boca irritada pronunciar a sua sentença e publicar a sua vergonha! e nem sequer elle parece acabrunhado, ainda que até ahi sua boca tenha estado muda.

..

• Tranquilla, pallida, silenciosa, Parasina espera sua sentença. Como mudou-se a sua sorte! Ha pouco ainda a expressão do seu olhar enchia de alegria a sala brilhante, em que os mais altos senhores estavam desvanecidos de a servir, — em que as bellezas se ensaiavão a imitar a sua doce voz, — a sua encantadora postura, a reproduzir em seu porte, em suas maneiras, as graças da sua rainha; então, se uma lagrima de dor corresse de seus olhos, mil guerreiros se atirarião, mil gladios sahirião da bainha para vinga-la. Agora — que é d'ella? onde estão elles? Póde ella mandar? Quererião elles obedecer? todos mergulhados n'uma silencioza indifferença, os olhos baixos, o sobreceño carregado, os braços cruzados, o ar glacial, dissimulão apenas o sorriso de de preso, que esflora os seus labios; seus cavalheiros, suas damas, sua côrte estão ahi; e elle, o mortal da sua escolha, cuja lança em riste só esperaria uma ordem de seus olhos, que — se o seu braço se libertasse um momento, viria salva-la ou morrer, o amante da esposa de

seu pai, — elle tambem, está encadeado ao lado d'ella, e não vê os seus olhos inchados nadarem nas lagrimas, menos por seu proprio infortunio, que pelo d'elle; estes olhos — onde veias de um terno violaceo erravão sobre o alabastro o mais puro, que tenha jamais allrahido o beijo, — cheios agora de um fogo livido, parecem antes comprimir que velar seus olhos pesados, e que lentamente se orvalhão de lagrimas.

\*  
\*

E elle teria tambem chorado por ella, sem todos esses olhares que se lhe fixavão. Sua dor, se a sentia, estava entorpecida; sua fronte se elevava alliva e sombria; qualquer que fosse a angustia que excrucia-va sua alma, elle não podia consentir em humilhar-se diante da multidão; contudo não ousava olhar Parisina: a memoria das horas que passarão, — o seu crime, o seu amor, o seu estado actual, a colera de seu pai, o odio da gente de bem, o seu destino n'este e no outro mundo, e o destino d'ella! — oh! a coragem lhe fallecia para contemplar essa fronte, onde está esculpida a morte! de outra sorte, o seu coração commovido teria trahido reinorsos por todos os males, que elle havia causado.

\*  
\*

E Azo tomou a palavra: — «Hontem ainda, uma esposa e um filho fazião o meu orgulho; este sonho dissipou-se esta manhã; antes do fim do dia não terei mais nem um, nem outro. Minha vida se finará solitaria; pois bem! — seja: todo o mundo em meu lugar teria feito o que eu faço; estes laços estão rompidos, não por mim; seja — o castigo está prestes! Hugo, espera-te o sacerdote e após a recompensa do teu crime! Vai-te! dirige ao céu as tuas preces, antes que as estrellas da noite tenham de apparecido; vê se podes n'elle encontrar o perdão, sua misericordia póde ainda te absolver. Mas aqui, não ha lugar sobre a terra, onde tu e eu possamos somente uma hora respirar juntos: adeus! Não te verei morrer, mas tu, creatura fragil! tu verás sua cabeça: — vai-te! Não posso acabar, vai! mulher de coração dissoluto; este sangue, não sou eu que o verto, és tu: vai! se podes sobreviver a esta vista, e deleita-te na vida que eu te dou.»

\*  
\*

E aqui o sombrio Azo occultou o rosto, porquanto sentiu sobre a sua fronte se inchar e bater suas arterias, como se todo o seu sangue

Uvesse refluido ao seu cerebro; ficou algum tempo de cabeça baixa e passou sua mão sobre os olhos para os desviar dos olhares da assemblea. Entrecianto Hugo, elevando suas mãos agrilhoadas, supplica ao seu pai a ouvir-o um momento: silencioso seu pai lh'o concede:

« Não é que eu tema a morte, — porquanto me viste a seu lado abrir um caminho sangrento sobre os campos de batalha; tu sabes que não foi remissa a espada que me tirarão os teus escravos, e que ella derramou ao teu serviço mais sangue do que fará correr o machado que me espera. Deste-me a vida, tens o direito de a tomar; é um presente que não devo te agradecer; não tenho jamais esquecido as injurias de minha mãe, seu amor desprezado, sua honra sacrificada, a vergonha que legou a seu filho; mas ella dorme no tumulo em que o teu filho, o teu rival, vai em breve descer. Seu coração espedaçado, — minha cabeça decepada, — attestarão do seio do tumulo toda ternura do seu primeiro amor, da sua sollicitude paternal. E' verdade que te offendi, — mas offensa por offensa; — esta mulher, dita tua esposa, esta outra victima do teu orgulho, tu sabias que me era de ha muito destinada. Viste-a, cobicaste os seus encantos, — e, me lançando em rosto o teu proprio crime, — meu nascimento, me representaste a ella — como não a merecendo, como indigno de ser seu esposo, e porque? porque eu não era o legitimo herdeiro do teu nome, porque eu não podia, por direito de nascença, assentar-me sobre o throno de Este; e entretanto, se eu tivesse ainda alguns estios a viver, meu nome eclipsaria em gloria o nome de Este, e esta gloria seria minha só. Tive uma espada — tenho um coração capaz de me conquistar uma cimeira tão soberba, como jamais se tem visto brilhar em toda a longa successão dos teus antepassados coroados; as espadas de cavalleiro não são sempre trazidas com mais gloria por aquelles, cujo nascimento é o mais alto; ve as minhas, em estimulando o meu corsel de batalha, lhe tem feito exceder muitas vezes mais de um chefe de nascimento principesco, quando eu carregava contra o inimigo ao grito electrizante de « Este e victoria! » Não advogarei a causa de um culpado, não te pedirei para deixares ao tempo o ceifar este pequeno numero de horas e de dias, que eu podia ter de viver antes de tornar-me uma cinza insensivel; o delirio do meu passado devia ser curto, elle o foi. Apesar do desprezo assacado ao meu nascimento e ao meu nome, e bem que o teu aristocratico orgulho desdenhasse honrar um ser como eu, — entretanto, alguns dos traços de meu pai se reconhecem nos meus e na minha alma; — eu sou tu todo inteiro. E' de ti que provem — o que tenho no coração indomavel: — de ti — porque te vejo estremecer? — de ti que me vierão em todo o seu vigor meu braço forte, minha alma de fogo; — recebi de ti, não somente a vida, mas ainda tudo o que me tem feito teu. Contempla a obra do teu criminoso amor! Elle puniu-te, dando-te um filho muito semelhante a ti! Não tenho nada de bastardo n'alma, porquanto como a tua ella não quer nenhum jugo; e quanto á minha vida,

este dom passageiro que me fizeste e que vais tão cedo retomar, eu não lhe ligava mais valia do que tu, quando o capacete armava a tua fronte, e quando lado a lado faziamos sobre os montes galopar nossoos corseis; o passado nada é — e o futuro não póde senão reproduzil-o; e nem sequer lamento não te ter visto terminar minha carreira, porquanto, bem que tenhas causado a ruina de minha mãe e te apropriado da noiva que me era destinada, eu sinto que és ainda meu pai, e por mais cruel que seja a tua sentença, não é injusta, mesmo vindo de ti. Gerado no crime, eu morro na vergonha; minha vida acaba como começou: o filho peccou como seu pai, e em mim tu deves nos punir a ambos. Aos olhos dos homens minha falta parece a maior, mas entre nós julgará Deus! »

\*  
\*  
\*

Disse, — e cruzando os braços, fez resoar os ferros de que estavam carregados; e entre todos os chefes que estavam presentes, um não houve, que não sentisse os seus ouvidos feridos ao ranger d'estas lugubres cadéas; depois todos os olhares se fixarão sobre os funestos encantos de Parisina. Como irá ella supportar a sua sentença de morte? Estava, como eu o disse, calma e pallida, causa vivente das desgraças de Hugo: seus olhos immoveis mas abertos e espantados, não se tinham uma só vez volvido á direita e a esquerda; uma só vez os seus cilios encantadores não se fecharão, ou velarão seus olhares; mas, se dilatando, formavão um como circulo branco em volta de suas pupillas de azul. Ella ahi estava em pé, o olhar vitreo, como se houvesse gelo em seu sangue estuante; mas, de espaço a espaço, uma grossa lagrima, lentamente accumulada, pendia da longa franja negra de seus brancos cilios: uma cousa é ver, outra é ouvir contar! E aquelles, que a virão, pasmarão de que olhos humanos deixassem cahir taes lagrimas. Ella quiz fallar, — a palavra meia articulada expirou-lhe na garganta, e não formou senão um surdo gemido, em que todo o seu coração pareceu se exhalar. Este soido cessou, — tentou ainda uma vez fallar, e então sua voz rompeu em um grito prolongado; depois cahiu por terra como um marmore, ou como uma estatua derribada de pedestal, mais parecida a um objecto que jamais houve-se tido vida, — á uma imagem inanimada da esposa de Azo, — do que á mulher culpada o cheia de vida, impellida ao crime por suas paixões, como por tantos aguilhões irresistiveis, mas não podendo supportar a revelação de suas faltas e o seu desespero. Vivía ainda, — e se a fez em breve relevar d'esse desmaio similhaute á morte. Mas a sua razão não voltou inteiramente sã. Suas faculdades tinham cedido á tensão fortissima da dor; e, assim como um arco destendido pela chuva não despede mais do que dardos transviados, assim tambem os frageis legumentos de seu cerebro não

emittião senão pensamentos vagos, sem sexo. Para ella não havia mais passado, — o futuro era uma noite tenebrosa, onde ella entrevia apenas uma vereda dolorosa e sombria, como um viajante, que a tda em um deserto por uma noite de tempestade, caminha ao fuzillar dos relampagos. Ella temia, sentia que alguma cousa de culpavel cahia sobre seu coração, como um peso gelado ; — sabia que havia ali um crime, deshonra, que alguém devia morrer, — mas quem ? Ella o esquecera. Estaria viva ainda ? Seria realmente chão o que ella pisava ? o céu, o que via lá em cima ? homens, que a rodeavão ? ou erão demonios, estes seres que a olhavão com olhos ameaçadores, a ella, que não via outr'ora diante de si, senão rostos risonhos e amigos ? Tudo era confuso e vago no seu espirito attribulado e discordante ; era um chaos de esperanças e temores inensatos. Dividida entre o riso e as lagrimas, levando até ao delirio a dor e a alegria, ella lutava com um sonho convulsivo ; porquanto tal era o caracter da mudança que se tinha operado n'ella : oh ! é em vão que ella tentará se despertar !

\*  
\* \*

Os carriões do mosteiro, balançados na torre pardacenta, fazem ouvir seu dobre lento e monotono, que reboão dolorosamente nos corações. Escutai ! o hymno resôa nos ares. E' o canto entoado pelos mortos, ou pelos vivos que o serão em breve ! Pela alma de um homem que vai deixar este mundo, o hymno de morte se eleva, o sino funebre sôa. Elle toca ao termo de sua vida mortal ; está ajoelhado aos pés de um monge, coisa dolorosa de dizer, — eruel de ver ; — está ajoelhado sobre a pedra nua e fria ; o cepo está adiante d'elle, os guardas o rodeão, — o algoz jaz ali prestes a ferir, — o seu braço está nú, afim de que o golpe seja rapido e seguro ; examina o fio do machado que elle ha pouco acicalou ; e entretanto tudo em volia da multidão forma um circulo para ver morrer um filho por ordem de seu pai !

\*  
\* \*

E' um delicioso momento aquelle que precede ao declinar d'este sol, chasqueando d'este dia tragico na pompa de seus mais bellos raios ; suas flammas da tarde batem em cheio sobre a reprobta cabeça de Hugo, emquanto elle faz ao monge sna ultima confissão, e com os sentimentos de uma contrição santa e cuita, humildemente prosternado, a absolvição que redime as nossas mortaes culpas. O sol allúmia esta cabeça inclinada, attenta, e estes cabellos castanhos cujos anneis cahem sobre um colo nú ; mas seus raios sobretudo, reflectidos sobre a segure que brilha

junto d'elle, fazem-n'a reluzir de um vivo e funebre esplendor. Oh! bem amarga é esta hora suprema! Os mais insensíveis experimentarão um fremito de terror: o crime é odioso, a sentença é justa, — e todavia este espectáculo faz estremecer!

\*  
\* \*

Estão terminadas as derradeiras preces d'este filho desleal, — d'este audacioso amante: seu rosario está reado, sua confissão feita, seu derradeiro momento chegou, — já despojarão-n'o do seu manto, vão agora cortar a sua negra cabelleira; — prompto, ella cahiu sob as tesouras. A vestimenta, que elle trazia, — a charpa que Parisina lhe havia dado, não devem acompanhal-o ao tumulo. Fizerão-lh'as deixar, e um lenço lhe vai vendiar os olhos, mas não, seu orgulho repelle esta ultima humilhação. Seus sentimentos, até ahi comprimidos, se manifestão a meio na explosão de um desdem profundo, no momento em que a mão do verdugo se adianta para cobrir os seus olhos, que não precisão d'ellas, e que saberão olhar de frente a morte. Não, — minha vida, meu sangue, são vossos; minhas mãos estão encadeiadas, — mas que se me deixe morrer de olhos livres! — fere! » Assim dizendo, metteu sua cabeça sobre o cepo; foi esta sua ultima palavra « Fere ». E o machado luzente se abateu, — e sua cabeça rolou, — e seu corpo enanguentado e palpitante foi cahir sobre o pó, que bebeu a chuva de sangue jorrado em ondas de suas veias. Seus olhos e seus labios se agitarão em uma convulsão rapida, — depois ficarão para sempre immoveis. Morreu, como deve morrer o homem que delinquo, sem ostentação, sem orgulho; havia dobrado os joelhos e orado; não tinha desdenhado da assistência de um padre, nem desesperado da belleza divina. E enquanto jazia ajoelhado diante do monge, seu coração estava puro de todo sentimento terrestre; seu enfurecido pai, sua amante, que erão para elle n'esse momento? Sem recriminação, sem desespero, sem pensamento senão para o céu, sem palavras senão para a prece, — salvo as poucas phrases que lhe escaparão, quando, apresentando sua cabeça á segure do carrasco, elle pediu morrer de olhos não vendados, unicos adeuses que legou ás testemunhas do seu supplicio.

\*  
\* \*

Silenciosos como os labios que vinha de fechar a morte, todos os espectadores retiverão o seu sopro; mas um estremecimento electrico percorreu a multidão, quando de-ceu o machado assassino sobre aquelle cuja vida e amor terminavão assim; cada um recaleou no seu coração

um suspiro imperfeitamente abafado ; mas nenhum outro ruído improvável se ouvia, senão o do machado resoando com um som lugubre sobre o ceppo ; nenhum outro, — salvo um : — que grito doloroso é este que fende o ar, este grito de demencia e de horror, semelhante ao de uma mãe a quem seu filho foi roubado por um golpe subito e mortal ? Estes accents ascendem para o céu como os de uma alma em luta de eternos tormentos. Foi de uma das janellas do palacio de Azo que partiu essa voz horrivel, — e todos os olhares se voliarão para essa direcção, mas nem se ouve nem se vê mais nada ! Era o grito de uma mulher, e jamais expelliu o desespero um mais terrivel, e aquelles, que o ouvirão, desejarão a ella que este fosse o ultimo.

\* \*  
x

Hugo não existe mais, e depois d'este dia Parisina não appareceu nem no palacio, nem nos jardins ; seu nome, como se ella nunca tivesse existido, foi banido de todas as bocas, semelhante a estas palavras que se interdizem a decencia ou o temor ; jamais se ouviu o principe Azo fallar de sua esposa ou de seu filho, nenhum tumulto consagrou sua memoria, não se os inhumou em terra santa, ao menos o cavalleiro que morreu n'esse dia. Mas o destino de Parisina ficou occulto, como a poeira dos mortos sobre as taboas do esquite. Viveu em um convento ? comprou penosamente o perdão do céu com annos de penitencia e de remorsos, com as austeridades, o jejum e as noites sem somno ? morreu pelo veneno ou pelo punhal em punição do seu temerario e criminoso amor ? ou ante ; succumbindo a menos longas torturas, o golpe que cortou a existencia a Hugo poria tambem fim a sua, e a piedade do céu permittiria que a dor subita do seu coração puzesse um termo aos seus tormentos ? Ninguem o sabe, nem o saberá jamais. Mas, qualquer que tenha sido o seu fim n'este mundo, sua vida começou e terminou na dor !

\* \*  
\* \*

E Azo achou uma outra esposa, e outros filhos crescerão a suas ilhargas, mas nenhum tão bello e tão valente como aquelle que se consumia no tumulto ; ou se o forão, elle não concedeu aos seus meritos senão olhares distrahi-dos, ou não os vio senão com um abafado suspiro. Mas nunca uma lagrima suleou sua face, jamais um sorriso desrugou sua fronte ; e sobre essa fronte magestosa se gravarão as rugas do pensamento, estes sulcos que cava precoces a relha abrasante da dor, estas cicatrizes da alma mutilada que deixa após si a guerra de que ella foi theatro. Já não havia mais para elle alegria ou dor ; não lhe restavão

n'este mundo são noites sem somno, dias que lhe peravão, uma alma morta para a censura ou para o louvor, um coração se fugindo a si mesmo, — não querendo enternecer-se, não podendo esquecer, e entregue aos pensamentos, ás emoções mais intensas, no momento mesmo em que elle parecia mais calmo. O gelo o mais espesso não endurece a onda, são em sua superficie, — embaixo a agua viva continúa a correr, e correrá sempre. E' assim que o seu coração, sob sua camada de gelo, continuava a ser assaltado por estes pensamentos que a natureza curaiçou muito profundamente, porque não possamos banil-os ao mesmo tempo que nossas lagrimas. Quando, fazendo esforço sobre nós mesmos, delemos na passagem estas aguas, que o coração derrama, nós não as seccamos por isso ; — estas lagrimas recalçadas revertem á sua fonte ; lá, em um crystal mais limpido, em um leito mais profundo, permanecem invisíveis, accumuladas, mas vivas e nunca mais copiosas do que quando se revelão menos. Agitado interiormente por involuntarios rebates de ternura por aquelles que elle tinha feito morrer, impotente á cumular o vasio que fazia o seu tormento ; sem esperança de os reachar nas mansões celestes, onde se reúnem as almas dos justos, com a cousciencia de que havia proferido uma condemnação justa, de que elles mesmos tinham sido os instrumentos de sua desgraça, a velhice de Azo não foi pouco miseravel. Quando as ramas estão corroidas, se uma mão habil as decepa, a arvore adquire uma seiva nova e reverdece com orgulho ; mas se o raio em sua colera fende e abraza as ramas, o resto do tronco se deseca e não produz mais uma só folha.

Rio de Janeiro.

CATUS GRACIO.



# DADOS HISTORICOS SOBRE A PROVINCIA

## ACTA

Aos vinte e quatro dias do mez de Junho do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e trinta e sete, segundo da independencia da republica, reunidos no lugar do costume os vereadores Jacques, Silveira, Magalhães, Silva, Costa e Menezes debaixo da presidencia do Sr. vereador Prado, para o fim de se proclamar a independencia politica da provincia, segundo se resolvera em sessão de 16 do que rege, á imitação de outras municipalidades do paiz, foi aberta a sessão.

● Sr. presidente declara o motivo d'esta sessão, e consultando a camara sobre o modo porque se constituiria a provincia desligada do imperio do Brazil, e da obediencia do governo imperial, resolveu-se unanimemente que ella deveria constituir-se em Estado livre constitucional e independente, observando-se a constituição reformada do Brazil no que lhe fôr applicavel, com a denominação de Estado Rio-Grandense, podendo ligar-se por laços de federação ás provincias do Brazil, que, como é de esparar, vierem adoptar a mesma forma de governo, querendo ellas esta união, que todavia jamais poderá ser tal que se opponha á completa independencia do Estado Rio-Grandense quanto aos negocios internos, não reconhecendo portanto poder algum alem de seus representantes, livremente eleito, que lhe possa lançar tributos, ou contribuições, mas tão somente um governo ou senado central, que taxe os subsidios, com que se formará o thesouro da união, os quaes deverão ser proporcionados ao rendimento de cada um dos Estados federados; circumstancias estas que a camara julgou conveniente não omitir pela convicção em que está de que uma das cousas mais justas porque o povo rio-grandense tomou as armas para defender seus direitos sagrados inauferiveis, foi a fria crueldade com que o governo

imperial fazia pesar sobre o continente, com manifesto proveito d'outras provincias e damno nosso, tributos extremamente onerosos e desproporcionados. Outrosim deliberou requerer ao governo da republica, em nome d'este municipio, que para sem perda de tempo convocar uma asembléa legislativa constituinte que deverá reunir-se no ponto mais central da republica, assim de fazer-se na constituição politica do Estado as reformas exigidas pelo nosso estado politico.

O Sr. presidente fez ver aos cidadãos que se achavão presentes a deliberação que a camara acabava de tomar, por virude dos poderes de que se achava revestida pela lei e por seus constituintes; e como elles approvassem tacitamente o procedimento da camara, passou o Sr. presidente a deferir o juramento de fidelidade pela forma que se acha transcripta no livro competente do Sr. vereador que se acha immediato em votos, Jacques, e depois de jurar nas mãos d'este tomou juramento a todos os mais vereadores e cidadãos presentes que livremente concorrerão a cumprir e te dever sagrado. E depois que todos jurarão o Sr. presidente deu os seguintes vivas—Viva o soberano povo rio-grandense! —Viva o systbema republicano! —Viva a constituição do Estado com as alterações que fizer a assembléa geral constituinte! —Viva o governo republicano e seus benemeritos defensores!

Em seguida ao Sr. presidente, depois de fechada a sessão com os mais membros da camara e cidadãos que se achavão presentes se dirigirão á parochia d'esta villa e assistirão a um *Te-Deum* e missa solemne, a cujo acto concorrerão todas as autoridades civis e militares. E para constar se lavrou a presente acta em que todos assignarão. E eu *João Damasceno Góes*, secretario a escrevi.—*Joaquim dos Santos Prado Lima*. —*Luiz Ignacio Jacques*.—*José Ignacio dos Santos Menezes*. *Francisco Maria da Silva*. —*Francisco da Costa Silveira*. —*Francisco Luiz de Magalhães Barros*. —*Joaquim Antonio da Silveira*. — O secretario, *João Damasceno Góes*. — Está conforme — O secretario, *João Damasceno Góes*. — Está conforme — O official-maior, *Antonio Belarmino Ribeiro*.

---

Illm. e Exm. Sr. — Levo ao conhecimento de V. Ex. por copia, o decreto de 5 do corrente mez, pelo qual S. Ex. o Sr. presidente nomeou a V. Ex. general do exercito catharinense.

Deus guarde a V. Ex. — Cidade da Laguna em 7 de Setembro de 1839. — Illm. e Exm. Sr. general do exercito catharinense *David Canabarro*. — *José Manoel Ramos*, official-maior da secretaria da guerra, marinha e exterior. — Está conforme. — *Antonio Cactano Pereira*.

Illm. e Exm. Sr. — Da secretaria do ministerio da guerra me foi enviado o decreto de 5 do corrente, acompanhado de officio de 7 do mesmo, do official-maior da referida repartição, no qual houve por bem o cidadão presidente da republica nomear-me general em chefe do exercito catharinense: e conquanto me seja assás honro a esta nomeação, ainda assim felizmente eu reconheço que ella é mais devida á generosidade e gratidão do governo, do que correspondente aos meus merecimentos, e incompativel com as minhas circumstancias. Supposto que eu não recuse assumir o commando interino do exercito, apesar d'elle ser mui superior ás minhas faculdades mentaes e physicas na contingencia em que o mesmo se acha, todavia eu rogo a V. Ex. haja de dispensar-me da graduação de general. Além de que ella não lisongea o meu amor proprio, nem eu me pago do meu ouropel, accresce outra consideração não menos transcendente, qual a de existirem no exercito rio-grandense varios coroneis muito mais antigos do que eu e a quem o espirito de classe me não permite tirar-lhes seus direitos, e demais milita outra ponderação pela qual não posso honrar-me com o titulo de general, sem previa approvação do governo do Estado, ao qual quero sempre pertencer, ao mesmo passo que póde V. Ex. persuadir-se, que eu de bom grado me sujeito a autoridade de outro qualquer general a quem o governo se dignar conferir o commando em chefe; mas quando por alguma razão de Estado não se verifique uma tal nomeação, eu estou prompto mesmo como coronel a encarregar-me do commando das forças e tomar a iniciativa das operações, ficando V. Ex. convicto, para levar ao conhecimento do governo, que eu farei em prol da independencia, liberdade e regeneração politica d'este Estado tudo quanto estiver circumscripto na estreita esphera da minha capacidade intellectual e sufficiencia militar, como fiel republicano e amigo dos catharinenses.

Deus guarde a V. Ex. — Quartel do commando do exercito catharinense na cidade da Laguna, 8 de Setembro de 1839. — Ao Exm. cidadão ministro e secretario de Estado dos negocios da guerra. — *David Canabarro*. — Está conforme — *Manoel Fernandes da Silva*.

Illm. e Exm. Sr. — Apesar de todas as razões, que V. Ex. por um excesso de generosidade expende no seu officio de 8 do corrente, tenho a honra de contestar-lhe, que de nenhuma maneira posso dispensar a V. Ex. da graduação de general com que S. Ex. o cidadão presidente provisório do Estado, interprete fiel do agradecimento nacional, o condecorou. Não podia o cidadão presidente escolher nos coroneis que contão maior antiguidade no exercito rio-grandense, e aliás muito conspícuos, o general de uma nação, que a V. Ex. e não a elles deve pa-

tria e liberdade. Quanto a ponderar a razão que V. Ex. allega para não fazer-nos a honra de condecorar-se com o título de general sem previa approvação do governo rio-grandense, fica ao cuidado do governo da republica tratar com elle na conformidade do que positivamente expendeu no decreto do dia 5 da corrente. O governo e a nação não deixarão um só momento do quanto continuará V. Ex. a emmerar-se para conservar a patria na altura em que o valor e conhecimentos e strategicos de V. Ex. a tem collocado, pela salvação e prosperidade do povo catharinense.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos. — Laguna em 9 de Setembro de 1839. — Ao Exm. cidadão general em chefe do exercito catharinense, David Canabarro. — *Antonio Claudino de Souza Medeiros.* — Está conforme. — *Antonio Caetano Pereira.*

Cidadão Ministro.

Além da restricta obrigação que me é annexa, de vos orientar de todos os pormenores occorridos na força a meu mando, cumpre-me não hesitar na mais que justa reclamação de algumas providencias, que, isentas de meu alcance, de vós procurei com anticipação obter-as; mas que as interrupções de communicações a respeito, proveniente da nova operação do inimigo, me terião feito vacillar, se uma longa experiencia de periodicas alternativas, não me outorgassem a indispensavel resignação para arrostar as vicissitudes de uma tal crise: n'esta conjunctura vos devo não só repelir tão necessaria exigencia, como tambem acrescentar outras participações acerca dos movimentos do inimigo e nosso estado actual; expendendo por consequente o resto de minhas exigencias, embora me persoadada nenhuma interrupção ter occasionado em nossa correspondencia a força, que nos hostiliza talando o local de nossas melhores posições.

Em 1º de Setembro proximo passado vos offereci, em resposta a vossa exigencia sobre a entrevista que se fazia mi-ter realisarmos, minha opinião, com o desejo incessante de, com a forma n'elle indicada, não entorpecer a marcha de minha administração; ao passo que vossa presença não só daria um incentivo ao exercito, como ainda mais vos certificareis de suas necessidades. A 2 do mesmo vos signifiquei haver o inimigo abandonado a capital do Alegrete, em nosso seguimento, cuja contramarcha de minha parte, pela preciação de munições para emprender obstar-lhe o passo, o fez levar sua direcção, talvez differente a seus projectos, indicando-vos igualmente as medidas que mais admis-

siveis julguei pôr em effectividade para prevenir o extravio das rendas do Estado e outras providencias tanto ali, quanto em Missões; enviando da mesma sorte uma commissão de tres officiaes para, a crédito do governo, segundo um officio terminante do ex-presidente, comprar as fazendas proprias e sufficientes para o vestuario do mesmo exercito, o que se effectuou com as clausulas especificadas nas instrucções do governo; bem como sobre a derrota d'aquelle força no mando de José Ribeiro, que entrou no numero dos mortos. A 8 do referido, acerca da troca dos prisioneiros, expendendo-vos a necessidade de uma prompta deliberação a respeito. Ora, privado de noticias officiaes, embora as as poucas que aqui grassão a êsmo, nenhuma attenção deva merecer por sua pouca entidade; fui informado por um conductor de officios de Bento Manoel, capturado com algumas amnistias outhorgadas pelo Caxias a certos individuos residentes no Alegrete e suas immedições, remellidos para ali ao irmão d'aquelle, já fallecido na mencionada derrota, achar-se o dito Caxias occupando o lugar denominado de Gabriel Machado.

Por officio de 19 d'este, do general Silveira, fui sciante haver entrado em S. Gabriel uma força, de cuja totalidade esperava ser informado pelo tenente-coronel Carvalho para a communicaç; bem como que hoje deve aquelle general ficar distante da posição que occupo, cerca de uma legua, se não fizer junção. O Bento Manoel projectando atacar ao coronel Amaral com a força que se achava a seu mando na minha frente, conseguiu, forçando a marcha durante toda a noite, amanhecer a 11 do vigente junto á casa do capitão Reginaldo, que, pernoitando ali, foi apprehendido com 20 potros que encerrados deixára na mangueira, ao passo que aquelle coronel vindo acampar, e a noite, em distancia maior de meia legua, illudiu a consummação d'aquelle empreza, ficando coriado o tenente Figueiró, que com 14 homens estava na frente, o qual encontrando a Vicente Pereira com uma partida em numero de 15, conseguiu matar 2 e aprisionar 5, ficando apenas um nosso morto no campo.

O inimigo seguiu para Alegrete capturando na invernada do tenente-coronel Guedes o filho d'este por nome Joaquim, que o levarão a pé.

Mallograda a expedição de S. Borja por circumstancias attendiveis, tive a satisfação de unir essa força a tempo de illudir os planos de Bento Manoel, que á legua e meia de distancia a pretendia cortar: espero o mesmo acontecerá para com o tenente-coronel Portinho que, segundo o dito officio do general Silveira, já se retirou do lugar em que se achava, e breve deverá unir-se-lhe.

Desde 2 de Setembro que não me tem sido possível saber physicamente onde existem os generaes Bento Gonçalves e Netto, aos quaes ora officio. As enchentes n'este departamento tem sido excessivas, a ponto de ser preciso transitar-se por coxilhas, o que muito concorre para se retardarem as partes assás indispensaveis. Convencido de que

não desconheceis as precisões que nos são annexas, apenas me cumpre reclamar sobre ellas vossa tão seria attenção, enquanto verbalmente vos não oriento com a devida minuciosidade á critica posição em que me acho, alheio inteiramente de vossas determinações, cabendo-me além d'isto a satisfação de affiançar-vos o certo patriotismo e re-ignação dos nossos combatentes a prol do systema que com afincio defendemos.

E' de meu rigoroso dever requisitar-vos toda a munição que vos fôr possível obter, pois que quanto a polvora nos é de summa necessidade e da maior urgencia : confiando afinal de vosso zelo a providencia que é mister.

Reitero-vos os firmes protestos de minha consideração e estima, aguardando de vós uma decisão concernente aos objectos que vos tenho apresentado, dos quaes ainda não tenho certeza de vos serem entregues, senão por meras conjecturas.

Deus vos guarde.

Quartel-general no Sarandy de Alexandre Ribeiro 21 de Outubro de 1843.

Ao cidadão ministro da guerra Manoel Lucas de Oliveira.

*David Canabarro.*

---

# À VENERANDA MEMORIA

DO DR. CALDRE E FIÃO

---

Porque morreu. — E' um mysterio som-  
brio e profundo, que ficou entre o homem  
e Deus na vida, e foi consummar-se no  
leito de agonia, no mysterio ainda mais  
escuro do «ser» e do «não ser».

(ALVARES DE AZEVEDO.)

## I

Mocidade, morreu o ancião poeta !  
Aquelle velho e vigoroso athleta  
Da tua causa santa,  
Vôou nâs azas lutulentas, negras  
D'esse corvo sinistro, omnipotente  
Que o homem não suplanta !

A morte ! que cruel fatalidade !  
Que fatal e funerea potentade !  
Que transe inevitavel !  
Automato, mechanico cutello,  
Um golpe de spedindocm cada instante,  
Certeiro, indesviavel !

A morte !... essa antithese luctuosa,  
Contraria encarniçada e temerosa  
Da vida que irradia !

Mais forte do que o raio que fulmina !  
Mais triste do que a noite no degredo,  
Que o vento que assobia !

Quando passa feroz no trem funereo  
Arrasta mais um corpo ao cemiterio,  
Atraz deixa mil dores !

Os crepes que nos cercão, funerarios,  
São os traços ferases que denuncião  
O seu carro de horrores !

II

Mocidade, morreu o ancião poeta !  
Aquelle velho e vigoroso athleta  
Da tua causa santa,  
Vôou nas azas lutulentas, negras  
D'esse corvo sinistro, omnipotente  
Que o homem não supplanta !

Era irmão, era irmão, Parthenonistas !  
Soldado das phalanges progressistas  
Foi nosso companheiro.  
Veio a morte, a rajada sibilante,  
E o álamo soberbo prosternou-se  
A' furia do pampeiro !

Nauta audaz, ancorou no final porto.  
Uma lagrima pois ao irmão morto,  
Louvor á sua memoria !

Morte, tiveste mais um corpo frio !  
Deus que áquella alma libertaste  
A' tí eterna gloria !



## A FREIRA

Aqui distante do mundo,  
N'esta cella triste e escura  
Me derão a sepultura  
Ainda na flor dos annos.

Nem o sol aqui penetra,  
Tudo é frio e solidão;  
Só me falla o coração  
Ao choque dos desenganos.

Que vida! Ninguém calcula  
As dores que eu só sinto;  
A todo o momento o absyntho  
Vertendo do labio á flor;

A todo instante sentindo  
A voz da fria razão  
Matando n'alma a illusão,  
E as pobres rosas do amor.

E dizem que sou ditosa  
N'esta triste soledade,  
Onde viceja a saudade  
E onde a paz ó mentira.

Nem pôde havel-a, se o peito  
Geme e saudoso chora,  
E nem uma creença vigora  
Essa alma que triste expira.

Quem aqui veio abrigar-se  
Tem uma sina maldieta,  
Do berço trouxe-a escripta  
Pela mão de Satanaz.

Ha de cumprir, é destino  
Ter n'alma martyrio eterno,  
As dores crucis do inferno  
Sem ter allivio jamais.

Aqui distante do mundo  
N'esta cella triste, escura,  
Calquei aos pés a ventura  
Como uma criança que eu era,

De livre tornei-me escrava  
E sem alma e coração  
D'esse Deus da Creação  
Descri — é uma chimera.

1° de Outubro de 1873.

MANFREDO.

# O MOURO DE VENEZA

( SHAKSPEARE )

## ACTO V, SCENA I

( Uma rua escura e sombria de Chypre.—E' noite )

YAGO E RODRIGO

YAGO

Mette-te aqui, amigo, atraz d'esta muralha.  
Maneja bravamente a adaga de batalha,  
Cassio não tardará. Espada em punho ! Justo.  
Aponta o coração. Sê firme ! varre o susto ;  
Deixo-te ; o lance salva ou perde o nosso trato ;  
Pondera quanto vil será um desbarato...

RODRIGO

Fica-te junto a mim ; é dubio se eu acerto.

YAGO

Guio-te o braço, vale ?

RODRIGO

Avança cá mais perto.  
( *A' parte* ) Yago mo deu razões sobejas, excellentes ;  
Porem estes ardis são maus expediente...  
Ora ! qu'importa emfim um homem que se avia ?  
Farei o que elle quer, embora covardia. ( *Vai a seu posto* ).

YAGO ( *á bocca da scena* )

Já tanto espesinhei-lhe o fundo da ferida,

Que o vejo prompto e firme. A empreza está servida.  
E pois que Cassio morra ou mate-o, ou se advêm  
Que vão-se os dous na luta, é lucro que convem.  
Vivo que fôr Rodrigo, é certo, em resultado,  
Vir-me exigir Rodrigo e as joias, que tem dado :  
Isto não pôde ser. — Se Cassio o cale'lo frustra,  
De sua vida o brilho é grande, me deslustra.  
Ha trama entre elle e o Mouro. Assim meu grande empenho  
De desfazer-me d'elle é justo, e então só tenho  
De não procrastinar a minha atroz vingança.  
Silencio ! alguém caminha ! é elle, sim, que avança.

RODRIGO (*no canto da rua. Atira-se de seu posto e vibra um bote a Cassio*)

E' elle ; é elle o infame ! Então ? morre, trahidor ?

CASSIO

Bofé ! que sem meu manto eu ia ! Bom senhor,  
Sou eu quem vai agora o teu varar... (*Tira da espada e fere a Rodrigo*).

RODRIGO

Soccorro !

(*Yago atira um bote á perna de Cassio e foge*)

CASSIO

Acudão !

(*Yago remata a morte de Rodrigo*)

RODRIGO (*moribundo, á Yago*)

Assassino !

OTHELLO (*atravessa a scena sob noite, envolto n'uma capa*)

E' Cassio. A' casa corro :  
Yago é homem de bem : realisa o que garante ;  
Deu conta já do amado, eu vou me haver co'a amante.

Mulher ! teu amador te espera ; é teu destino  
Ires a ter com elle encontro matutino...  
Dai-me qu'este clamor o alcance inda com vida !  
Yago fiel, verás ! Espera, fementida !  
Teu sangue ha de lavar, do negro coração,  
O leito que manchou tua infernal traição.

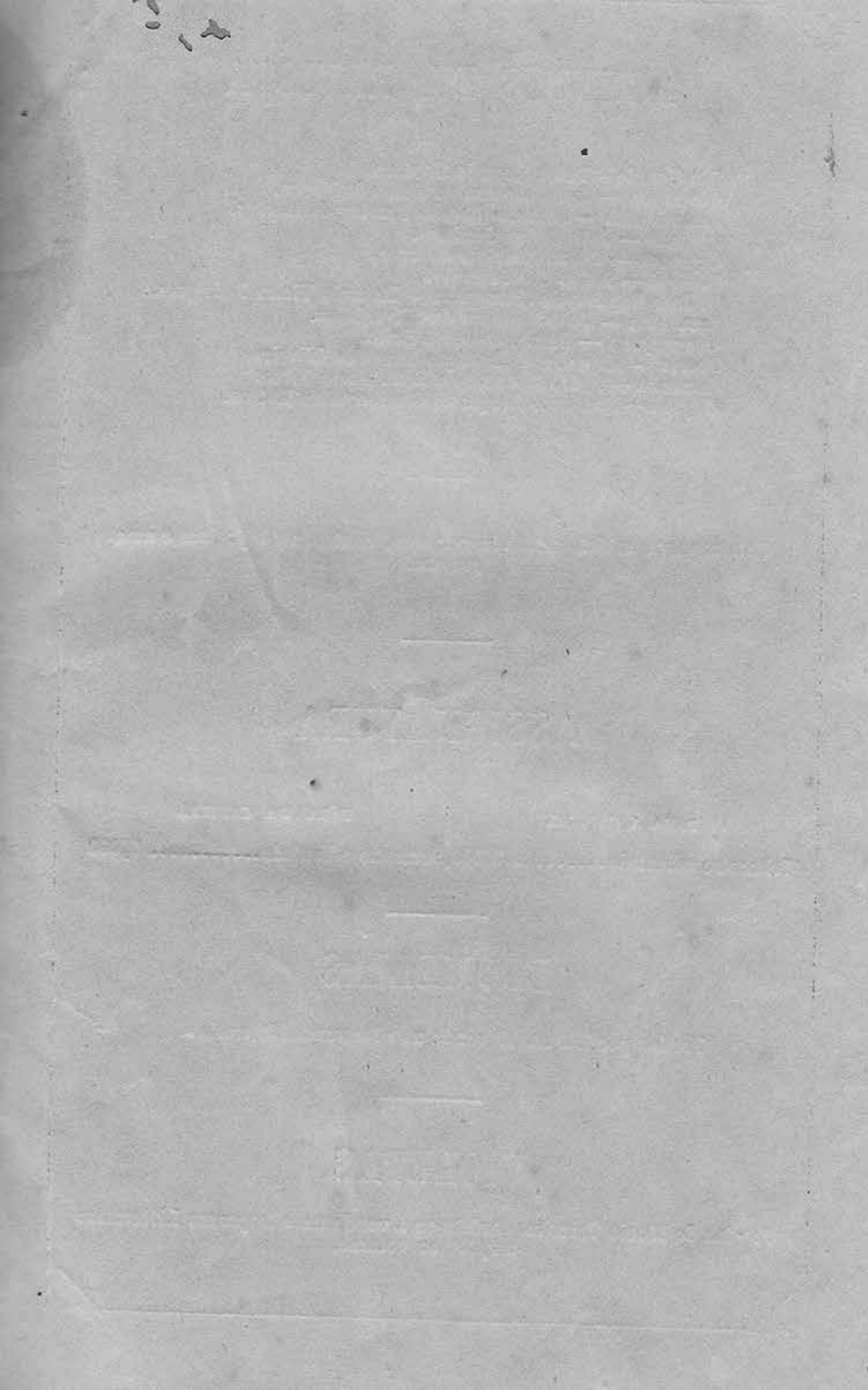
*( Sahe accelerado em direitura a seu palocio, tendo a mão no  
coto da espada ).*

. . . . .

Rio de Janeiro.

ELPIDIO LIMA.

---



# AGENTES DA REVISTA

Rio Grande — Carlos Eugenio Fontana.  
Rio Pardo — José Joaquim de Andrade Neves.  
Passo Fundo — Antonio Pereira Prestes Guimarães.  
Alegrete — João Pedro Camirha.  
Caçapava — Pedro Rodrigues Soares.  
S. Sepé — Isidro Corrêa Pinto.  
S. João Baptista de Camaquã — Patricio Vieira Rodrigues.  
Cruz Alta — João Baptista da Silva Lima.  
Uruguayana — Francisco de Sá Brito.  
Torres — Major José Theodoro Nunes de Oliveira.  
Corumbá — Pedro Antonio da Silva Horta Filho.  
Cuyabá — Frederico Simplicio Gualberto de Mattos.

---

Esta REVISTA sahirá uma vez por mez, contendo 48 paginas e uma gravura

## ASSIGNATURA

PARA A CAPITAL

FÓRA DA CAPITAL

Trimestre adiantado.....3\$000 | Semestre adiantado..... 6\$000

## BROMELIAS

Poesias por Iriema. A' venda na « Imprensa Litteraria ».

## VIOLETAS

Poesias de Mucio Teixeira. Achão-se á venda na « Imprensa Litteraria »  
a 2\$000 ao volume.